

CULTURA E HORIZONTE DE SENTIDO. REFLEXÕES (IN)CONCLUSIVAS A PROPÓSITO DE H.-G. GADAMER

Grande temeridade minha, pretender exaurir o que, há mais de vinte séculos, a Filosofia nunca ousou consumir – uma “conclusão” – e, nesse sentido, exaurir o que, de certeza, qualquer um de vós, de nós, colheu e apropriou deste Colóquio dedicado a um dos vultos maiores da filosofia contemporânea, Hans-Georg Gadamer. De Aristóteles – esse jovem promissor da cultura actual, nas palavras de Jorge Luis Borges – para além da cáustica ironia contra o desejo de ter razão a todo o custo, colhi também a sensata advertência de que nem tudo se afigura demonstrável, e, assim sendo, conclusivo ou concludente.

Não concluirei, portanto. Procurarei apenas devolver intacta a ressonância de alguns aspectos da hermenêutica gadameriana que, após uterina gestação de nove palestras, vieram à luz pelas autorizadas reflexões de Maria Luísa Portocarrero, Joaquim Cardozo Duarte, João Vila-Chã, Artur Morão, João Duque, Michel Renaud, Joaquim Cerqueira Gonçalves, Maria Pereira Coutinho e Manuel Cândido Pimentel. A partir de cada uma dessas dádivas teóricas, arriscarei a colher o que com o influente pensador alemão – mas também apesar dele e para além dele – podemos assinalar como emergente e impreterível tarefa da Filosofia: mais do que “oficializar” uma conclusão, o “ofício” filosófico deve cuidar da eclosão fenomenológica do sentido do mundo pela inclusão hermenêutica das múltiplas, diferenciadas e infinitas possibilidades do texto da vida.

À sua medida – ou dentro da medida que cada um de nós lhe quiser dar –, a realização deste Colóquio dedicado a Hans-Georg Gadamer pretendeu reencontrar-se, em português, com um singular pensador para quem a Filosofia se concretiza e autodetermina como construção viva do *lógos*. Viva, não frenética ou pavoneante – nascida, portanto, do espanto e da admiração; amadurecida, para além disso, numa tradição cultural europeia que ousa questionar e sondar criticamente os seus fundamentos e possibilidades; exercitada, enfim, numa vontade de realização poética e prática do sentido. A hermenêutica gadameriana atesta, por isso mesmo, que a Filosofia não instala a sua clareira vital em montras ou em vitrines: em bom rigor a sua circumspecta condição aproxima-se muito mais da vocação artesanal da tecedeira do que propriamente na pose estudada da vedeta ou da manequim. Não dá nas vistas, dá a ver; não dá pensamentos, dá que pensar. Não outorga competências, estatutos e funções, apenas propicia o exercício de uma discreta e paciente transformação.

Agraciados pelas intervenções de quantos, ao longo deste Colóquio, generosamente mediarão algumas das propostas mais desafiantes do pensamento gadameriano, todos pudemos testemunhar até que ponto mais do que fertilizada *in vitro*, a Filosofia cultiva-se *in vivo*, actuando como fermento da gentil, serena e promissora levedação desse pão-nosso cultural que quotidianamente a todos alimenta, até mesmo os que colheram o que não semearam, ou os que semearam sem, todavia, terem sido merecedores das sementes que à mão lhes foram confiadas.

A metáfora seminal não é intempestiva. Com efeito, convocar a realidade como horizonte de cultivo, culto e cultura, arar e sulcar o sentido do mundo da vida e da vida do mundo, tal me parece ser esse o nó alegórico capaz de enlaçar os três filamentos hermenêuticos que inspiraram o título do presente Colóquio: “Experiência-Linguagem-Interpretação”. Cada um dos que nele intervieram pôde atestar em que medida textos tão luminosos quanto provocadores como *O problema da consciência histó-*

rica (1958); *Verdade e Método* (1960); e *A arte de compreender: I. Hermenêutica e tradição filosófica; II. Hermenêutica e campo humano da experiência* (1982), constituem uma espécie de trilogia onde Gadamer procura justamente rematar esse aludido enlace.

Em *O problema da consciência histórica*, o filósofo alemão procura responder à questão: «como pode um conhecimento consciente da sua determinação histórica encontrar-se tocado por uma pretensão de verdade?». Wilhelm Dilthey já esboçara uma tentativa de resposta, insatisfatória ao que parece, porquanto cativa de uma aporia incapaz de conciliar o carácter eminentemente histórico de uma Filosofia da Vida com o lastro cienticista onde, em larga medida, assenta o escrutínio metodológico da verdade. É certo que Heidegger abre as portas a uma concepção de historicidade mais refinada e adequada, ao inscrever o problema da compreensão histórica no subsolo de uma Ontologia fundamental. Aditivando-lhe o repto da ética aristotélica, segundo o qual se torna problemático qualquer método que, arrimado à sedutora panaceia da “exactidão”, pretenda domesticar um saber-em-situação, a hermenêutica heideggeriana da estrutura existencial da compreensão oferece a Gadamer a possibilidade de recentrar epistemologicamente o problema da Tradição, até então ainda excessivamente manietada a persistentes e inconsequentes procedimentos retrospectivistas. Para Gadamer, com efeito, a Tradição já não se reduzirá mais a um subestimável procedimento cognitivo ao lado de outros, mas, enquanto entrelaçado na urdidura cultural da historicidade humana, constituir-se-á, doravante, como condição de apropriação de qualquer modelo de conhecimento, incluindo o científico.

Já no que, por seu turno, concerne à obra *Verdade e Método*, o nosso filósofo apresenta um projecto hermenêutico tecido em percursos de incursões e recursos, em meditações alimentadas de mediações múltiplas e entrelaçadas – não necessariamente unificadas ou homogéneas, entenda-se – parecendo repercutir, de certa forma, a advertência de

Hegel, segundo a qual qualquer operação metodológica deverá permanecer sempre aquém da vasta amplitude de um saber que, apesar de todos os hercúleos esforços e inconfessas motivações, apenas se pode oferecer na superação dialéctica dos seus resultados. Nessa medida, a Filosofia impõe-se como acto de generosa e paciente abertura ao outro e à diferença. Ela visa, mediante a experiência, uma reconciliação do espírito consigo próprio no fluxo renovado da historicidade; deixa-se tocar não tanto pela questão da verdade, mas por uma verdade em questão que nenhuma ordem metodológica pode reduzir, simplificar ou sequer uniformizar.

Finalmente, em *A arte de compreender*, H.-G. Gadamer lança os alicerces e ergue os andaimes de uma construção hermenêutica que, do ponto de vista da sua arquitectónica mais profunda, não implica uma litigância teórica, ou uma exigência de escolha de uma tese em detrimento de outra, nem tão pouco equivale a uma afirmação tética ou dogmática. Para além do seu múnus de *inter-pretação*, a hermenêutica é outrossim *inter-pelada* a uma arte da *inter-rogação* graças à qual o saber filosófico se pode plasmar em diálogo recatado (embora rigoroso e firme) e descontínuo (embora reiterado e fiel), numa permanente auscultação que não confunde urgência com precipitação. Por isso mesmo, só nos trilhos de uma história da arte entende Gadamer poder extrair o máximo potencial dessa vocação. Cabe à obra de arte, com efeito, deixar-se investir do poder de reconduzir o acto de interpretação e de compreensão à experiência plurívoca e libertadora do «jogo». As ciências humanas, e de modo particular a Filosofia, estão em jogo, quando se polarizam numa ontologia da experiência temporal, cifrada por um lado nos acontecimentos ocorridos e nas obras produzidas, e recriada por outro num círculo hermenêutico que equilibra e medeia culturalmente a tensão entre objectividade e tradição, unindo assim passado, presente e futuro.

Uma fenomenologia apontando para uma Ética da Acção e uma hermenêutica tendendo para uma Ontologia da Diferença e da Relação, eis o

que, a bem dizer, se poderia constituir como legado de um testamento espiritual gadameriano para a constituição de uma Agenda, dir-se-ia mesmo de uma Fazenda Filosófica, para os tempos que são os nossos.

Recentemente, por mão do seu Director-Geral, Koïchiro Matsuura, a UNESCO promoveu um amplo fórum reflexivo com o intuito de avaliar e ponderar, em termos prospectivos, a amplitude dos desafios a que o Séc. XXI não se poderá eximir. Tal omissão acarretaria o risco de precipitar, a médio-longo prazo o colapso das referências civilizacionais da própria humanidade. Nessa cimeira, o que impressionou não foi tanto o cosmopolitismo cultural, técnico e científico das reflexões, nem tão pouco o inegável prestígio de algumas das personalidades envolvidas como Ilya Prigogine, Alain Touraine, Stephen Jay Gould, Jean Baudrillard, Gianni Vattimo, Michel Walzer, Jacques Attali, Boutros Boutros-Ghali, etc.; o que verdadeiramente espanta é a tendencial convergência e a crescente solicitação do contributo das Ciências Humanas para a monitorização de problemas que, pela sua densa e transversal complexidade, estávamos habituados a endereçar em exclusivo para cientistas, tecnocratas e políticos. Como evoluirão a demografia e os paradigmas familiares? Que desafios nos colocará a Bioética? Que novos tipos de patologias afectarão o género humano? Qual o destino da água, alimentação, e energias nas suas múltiplas variantes e alternativas? O que esperar em termos culturais das línguas maternas e dialectos microssociais, da arte, e das religiões? Como encarar as mutações associadas às novas exigências educativas e modelos de participação cívica e política? Como evoluirá o sistema democrático? Qual o papel da ciência? Como selar e regular novos contratos e pactos sociais na era da infor-comunicação interactiva, acelerada e ubíqua? Como se integrarão critérios de macro-convergência com dinamismos micro-localizados no mesmo ecossistema económico? Como se articulará o trinómio produção-repartição-consumo em contexto globalitário? Que formato assumirá a relação economia-ecologia? Ora, quando o Director da Organização de Análise e Previsão da UNESCO e principal co-autor do

Relatório prospectivo internacional “Um Mundo Novo”, Jérôme Bindé, enfatizou a relevância crítica da Filosofia nesta trama de problemas, e quando o laureado físico-químico, Ilya Prigogine usou da palavra para lembrar que «os gregos antigos legaram dois ideais: (...) o da formação de um sistema de ideias (...) em função do qual todos os elementos da nossa experiência possam ser interpretados; e o da democracia, baseado no pressuposto da liberdade humana, da criatividade e da responsabilidade», nenhum coro trágico clamou, nesse fórum, para que os dois intervenientes se retirassem de cena e regressassem a casa remetidos a um confrangedor silêncio.

Colocar as Ciências Humanas na rota grandes desafios, nunca poderá redundar em derrota da Filosofia, a menos que estejamos dispostos a substituí-la por um qualquer sucedâneo epistemológico, pretensão que, à luz da diagnose gadameriana, a Tradição ocidental sempre se revelou capaz de frustrar. O problema, já se vê, não reside nas Ciências Humanas nem, tão pouco, na Filosofia. Decorre de um erro de paralaxe, motivado por um deficiente enquadramento das nossas expectativas psico-socio-ideológicas:

1. esperamos que a Filosofia pense antes do tempo, e o que Gadamer nos aponta é que a Filosofia precisa de tempo para pensar – nesse sentido, não lhe fará tanta falta o tempo medido, cronometrado, ou a cronologia da historialidade, quanto o Tempo poético e kairológico da ocasião auspiciosa para plasmar a historicidade de cada texto e de cada leitura possível do mundo;
2. esperamos que a Filosofia seja hermética, sibilina e excêntrica, e o que Gadamer nos propõe é uma Filosofia hermenêutica, criativa e atenta aos sinais dos tempos;
3. esperamos que a Filosofia se infiltre no circuito do que Heidegger designou de “falatório quotidiano”, que mercadeje opiniões nas feiras mediáticas ou que se converta em manual de instruções, e o

que Gadamer nos sugere é que a conversão da *doxa* ao *lógos* não decorre da troca de um modelo científico por um modelo jurídico de razão, nem da substituição de uma matriz logico-demonstrativa por uma matriz retorico-argumentativa ou pragmático-opinativa do pensar, mas radica na reapropriação reflexiva que devolve à Filosofia os utensílios com que, no tear das Linguagens naturais e maternas, há-de urdir conceitos para definir o que diz, há-de tecer metáforas para fazer o que lê, há-de enredar discursos para dizer o que quer e, finalmente, há-de tramar mundividências para que cada qual se leia no que faz;

4. esperamos que a Filosofia seja útil, no estribilho oco e deprimente de que não possui eficácia, não apresenta resultados, não dispõe de alavancas para resolver os problemas das pessoas, e o que Gadamer solicita à Filosofia é que mantenha em aberto a capacidade de indagar, inquirir, interrogar – o que não é fácil nos dias que correm, visto que a forma mais sinistra e larvar de censura ou inquisição não é tanto aquela que rasura ou queima as respostas, mas sim a que caustica e incinera as questões;
5. esperamos, enfim, que a Filosofia explique tudo, mimando os tiques positivista, determinista e metodologista das ciências ditas exactas ou naturais (que, de resto, ela mesmo historicamente engendrou), e o que Gadamer nos desenha é uma Filosofia que, resistindo à sua totalitária veleidade de insolvência histórica e mundana, invoca a racionalidade da acção na sua tendência de universalização concreta e diferenciação integrada, espelhada de modo eminente na arte.

Gostaria de sublinhar, antes de terminar, um aspecto que, neste Colóquio, adquiriu dimensão digna de nota. A trajectória filosófica de Gadamer encontra um dos seus desenlaces mais afortunados na visita assídua aos pensadores clássicos da antiguidade. Permito-me recordar que uma das suas obras inaugurais se intitula precisamente *A ética dialéc-*

tica de Platão (1931) e que uma das últimas, vinda a lume em 2000, tem por título *A ideia de bem como desígnio platónico-aristotélico*. Não deixa de ser sintomático... Reescrever o presente com os clássicos gregos, eis – porque não dizê-lo? – um dos mais sugestivos prolegómenos gadamerianos a toda a filosofia futura. Antes de os lermos já nos encontramos lidos por eles.

Enfim, para não concluir...

Consta, na *República* de Platão, que Sócrates, após ter descido ao Pireu e aprestando-se a regressar à cidade, foi interceptado por um pequeno escravo que, a mando de Polemarco, jovem herdeiro do provector e experimentado Céfalo, tinha vindo a correr para lhe pedir que detivesse a sua marcha de retorno: «Onde está o teu senhor?» terá inquirido, fulminante, o nosso moscardo...

Estaremos dispostos a expor a Filosofia à mesma admoestação socrática? O pensamento hermenêutico gadameriano parece garantir-nos uma temporária imunidade; quanto ao resto, tudo continuará a depender de nós, no *pré-conceito* de que a melhor Filosofia possível será, possivelmente, a Filosofia melhor...